

Meu nome é Ydoreh Gomes Borges, eu tenho 23 anos e sou acadêmica da UNIFAP no curso de Letras Português e inglês. Há mais de 90 dias participo da publicação dos relatos dos indígenas, fazendo a tradução para o inglês, hoje vou compartilhar com vocês como tenho vivido na pandemia.

No começo do ano de 2020 eu fui desligada da escola em que trabalhava como professora de língua inglesa, algo que pra uns pode ser visto como desvantagem, porém, ao me encontrar desempregada, percebi que eu poderia aproveitar, transformando a desvantagem em uma vantagem, afinal, eu nunca havia parado de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Tomei a decisão de adiantar matérias no meu curso e não trabalhar no primeiro semestre do ano, já que, com meu seguro desemprego, eu não passaria necessidades... Erro grave, eu não esperava que a pandemia fosse me dar tamanha rasteira. Ficamos todos parados e eu perdi essa oportunidade de avançar meu curso. Já pelo lado financeiro, eu não teria como não receber as parcelas do meu direito.

Eu estou na casa do meu namorado, resolvi passar a quarentena aqui, pois sozinho na meu apartamento não seria nada agradável, já que eu sou acostumada a estar rodeada de pessoas. Meus sogros me acolheram como uma filha e sou muito grata por isso, eles me ajudam de maneira imensurável. Eu entendo completamente que estou tendo muitos privilégios em relação a outras pessoas que não puderam ver seus pares durante a pandemia, a saudade é um fator que nos abala psicologicamente. Desde o começo dessa quarentena eu saí uma vez por mês pra receber meu seguro e pagar meu aluguel, nada mais. Logo, faz meses que não vejo minha família, e isso dói bastante. Não somos perfeitos, mas sempre estamos nos cuidando e de longe isso ficou mais difícil. Houveram problemas no meu núcleo familiar, brigas e etc... e em nenhum momento eu pude amarar essas pessoas. Eu não o fiz por conta do risco que estaria trazendo à família do meu namorado, pois aqui, nessa casa, existem pessoas do grupo de risco, eles também são uma família pra mim, eu não me perdoaria se algo acontecesse por minha causa. Mas enfim, as coisas se resolveram, e eu consegui me concentrar nos meus trabalhos e nas traduções dos relatos.

Com os relatos eu acordei para a realidade, vi o quanto essas pessoas estão sofrendo, perdendo familiares, muitas famílias destruídas por esse vírus. Passei a desconstruir os problemas que giravam em torno de mim e comecei a enxergar os outros. Me indignei e me revolttei com tanta atrocidade disfarçada de irresponsabilidade por parte das nossas autoridades. Durante as traduções vinham as reflexões, eu me perguntava como tudo o que lia não estava escancarado nos jornais ainda... Chorei com relatos de mulheres, de idosos, de pais de família e de crianças indígenas que são ignorados pelas nossas autoridades. Os relatos não paravam de chegar, as denúncias foram infinitas, eu peguei textos dia sim, dia não, cada um contendo uma mensagem de uma pessoa para seu povo e para fora dele.

Dessa forma eu aprendi o quão unidos são os povos indígenas, muito mais do que eu já havia percebido. Fiquei maravilhada com o conhecimento que eles têm sobre chás, banhos e remédios feitos a partir de folhas, raízes, cascas e resinas. Mesmo não tendo medicamentos de farmácia disponíveis nas casas de saúde indígenas, eles conseguiram se prevenir, se fortalecer e se curar dessa doença. Faziam remédios pra si e para outros, iam até a cidade quando indispensável, se cuidavam de acordo com as medidas de prevenção. Coisa que aqui na capital os não indígenas ignoraram em massa. É lamentável que algumas comunidades indígenas tenham perdido anciãos que são detentores de tanto conhecimento medicinal, cultural, religioso e etc..., sei que são as bibliotecas vivas de seus povos, todo o conhecimento que se vai com a perda dessas vidas é imensurável. Aprendi e ainda aprendo com as narrativas sobre fé, sobre viver em comunidade, sobre a dor de um ecoar no outro, sobre a recuperação de uma pessoa fazer a alegria de muitos. Posso dizer que isso não é comum, é uma raridade um lugar em que as pessoas se ajudem realmente, se desejem o bem e sejam tão fortes para se ajudar. Participar desse projeto me ajudou a amadurecer meus pensamentos em relação a muitas coisas. Conhecer essas pessoas e ouvir as experiências delas nessa pandemia, quer tenham sido experiências boas ou ruins, me mudou. Quando eu vi que o nosso "excelente" governador fazia mídia com material de saúde que ele iria mandar para as aldeias eu não acreditei. A quantidade era insuficiente, os testes não chegariam em todas as aldeias. Algumas pessoas e organizações fizeram muito mais pelos povos indígenas do que o próprio governo. E quando eu digo governo, entenda desde o nosso asqueroso presidente até as autoridades que ocupam cargos abaixo. A minha raiva foi tamanha que, por vezes, eu optava por não assistir as notícias, pois as novidades eram absurdas. CORRUPÇÃO? DESVIO DE DINHEIRO DA SAÚDE? Ministro da justiça se retirando do cargo? TUDO ISSO POR MEIO DE UMA PANDEMIA! É demais para mim. Atualmente as medidas estão entrando em relaxamento, entendo como desespero. Está claro que nossos governantes estão se espelhando no que acontece na Europa sem ter condições, nosso país não se encontra na Europa, aqui os casos não foram controlados ainda, diferentemente de lá. Eu acredito que não era o momento ainda. Eu concluo com isso que nosso governo não atende às demandas do povo, mas sim dos grandes empresários e todas figuras de poder. Afinal, o que interessa é a economia, e não a saúde das pessoas, não as famílias em luto nem as vidas perdidas. Pois que fique registrado na história desse país essa vergonha.

Eu desejo que tudo isso não retorne ao normal. Pois o normal compreende manter essas pessoas no poder, o normal é sujeira no parlamento, dejetos na presidência e curral eleitoral. Eu desejo que após a pandemia o povo se revolte e tire essas pessoas do poder... Uma utopia. Enquanto não habitamos o paraíso, devemos fazer o que tiver ao nosso alcance, e amenizar essa condenação injusta de pessoas que sempre lutaram pela terra, pela justiça, pelo respeito ao seu povo e cultura dar-lhes espaços que os permitam ampliar suas vozes, acredito que esse projeto Fala, Parente! proporcionou isso. Está registrado, qualquer um pode ler, de qualquer país. Eu quero deixar meu agradecimento à professora Eliassandra Barros, mentora desse projeto, responsável pela ideia de partilhar das nossas ferramentas em prol do próximo, sempre muito flexível na medida certa, e nos ajudando. Eu encerro esse desabafo desejando forças a toda população indígena do meu estado e do meu país, eu não sei o que é a dor de vocês, porém jamais vou esquecer essa situação revoltante.

Macapá, Amapá, Brasil.
11 de agosto de 2020

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Je m'appelle Ydoreh Gomes Borges, j'ai 23 ans et je suis universitaire à l'UNIFAP dans le cadre de cours de Lettres Portugaises et Anglaises. Depuis plus de 90 jours, je participe à la publication des rapports des peuples indigènes, en faisant la traduction en anglais, aujourd'hui je vais partager avec vous comment j'ai vécu dans la pandémie. Au début de l'année 2020, j'étais déconnecté de l'école où je travaillais en tant que professeur d'anglais, ce qui pour certains peut être considéré comme un inconvénient, cependant, lorsque je me suis retrouvé au chômage, j'ai réalisé que je pouvais en profiter, transformer le désavantage en avantage, après tout, je n'avais jamais cessé d'étudier et de travailler en même temps. J'ai pris la décision de faire avancer des matières dans mon cursus et de ne pas travailler au premier semestre de l'année, car, avec mon assurance chômage, je n'aurais pas besoin de ... grave erreur, je ne m'attendais pas à ce que la pandémie me donne un tel flauge. Nous sommes tous restés immobiles et j'ai raté cette occasion de faire avancer mon cours. Sur le plan financier, je n'aurais aucun moyen de ne pas recevoir les acomptes de mon droit. Je suis chez mon copain, j'ai décidé de mettre en quarantaine ici, car seule dans mon appartement ne serait pas agréable, puisque j'ai l'habitude d'être entouré de gens. Mes beaux-parents m'ont accueilli en tant que fille et j'en suis très reconnaissante, ils m'aident infiniment. Je comprends parfaitement que j'ai beaucoup de privilèges par rapport à d'autres personnes qui n'ont pas pu voir leurs pairs pendant la pandémie, le désir est un facteur qui nous affecte psychologiquement.

Depuis le début de cette quarantaine je sortais une fois par mois pour recevoir mon assurance et payer mon loyer, rien de plus. Donc je n'ai pas vu ma famille depuis des mois et ça fait très mal. Nous ne sommes pas parfaits, mais nous prenons toujours soin de nous-mêmes et cela est devenu de loin plus difficile. Il y avait des problèmes dans ma famille, des bagarres, etc ... et à aucun moment je n'ai pu soutenir ces personnes. Je ne l'ai pas fait à cause du risque que j'apporterais à la famille de mon petit ami, parce qu'ici, dans cette maison, il y a des gens du groupe à risque, ils sont aussi une famille pour moi, je ne me pardonnerais pas si quelque chose arrivait à cause de moi. Mais de toute façon, les choses ont été résolues, et j'ai réussi à me concentrer sur mon travail et les traductions des rapports.

Avec les rapports, je me suis réveillé à la réalité, j'ai vu à quel point ces gens souffrent, percent des membres de leur famille, de nombreuses familles détruites par ce virus. J'ai commencé à ignorer les problèmes qui tournaient autour de moi et j'ai commencé à en voir d'autres. J'ai été indigné et révolté par tant d'atrocités déguisées en irresponsabilité de la part de nos autorités. Pendant les traductions sont venues les réflexions, je me suis demandé comment tout ce que je lisais n'était pas encore grand ouvert dans les journaux ... J'ai pleuré avec les rapports de femmes, de personnes âgées, de parents et d'enfants indigènes ignorés par nos autorités. Les rapports n'arrêtaient pas d'arriver, les dénonciations étaient interminables, je ramassais des textes tous les deux jours, chacun contenant un message d'une personne à son peuple et à l'extérieur de lui. De cette façon, j'ai appris à quel point les peuples indigènes sont unis, bien plus que je ne l'avais jamais réalisé. J'ai été étonné de leur connaissance des thés, des bains et des remèdes à base de feuilles, de racines, d'écorces et de résines. Même si les médicaments pharmaceutiques n'étaient pas disponibles dans les centres de santé indigènes, ils ont pu se prévenir, se renforcer et se guérir de cette maladie. Ils fabriquaient des médicaments pour eux-mêmes et pour les autres, allaient en ville quand c'était nécessaire, prenaient soin d'eux-mêmes selon des mesures préventives.

Quelque chose qu'ici, dans la capitale, les non-indigènes ignoraient en masse. Il est malheureux que certaines communautés indigènes aient perdu des anciens qui avaient tant de connaissances médicinales, culturelles, religieuses, etc. Je sais que ces sont les bibliothèques vivantes de leur peuple, toutes les connaissances qui accompagnent la perte de ces vies sont incommensurables. J'ai appris et j'apprends encore des récits sur la foi, sur la vie en communauté, sur la douleur de faire écho à l'autre, sur le rétablissement d'une personne faisant la joie de plusieurs. Je peux dire que ce n'est pas courant, c'est une rareté un endroit où les gens s'entraident vraiment, s'ils veulent du bien et sont si forts pour s'aider eux-mêmes. Participer à ce projet m'a aidé à mûrir mes pensées sur beaucoup de choses. Rencontrer ces personnes et écouter leurs expériences dans cette pandémie, qu'elles soient bonnes ou mauvaises, m'a changé. Quand j'ai vu que notre «excellent» gouverneur faisait des médias avec du matériel de santé qu'il enverrait dans les villages, je n'y croyais pas. La quantité était insuffisante, les tests n'arriveraient pas dans tous les villages. Certaines personnes et organisations ont fait beaucoup plus pour les peuples indigènes que le gouvernement lui-même. Et quand je dis gouvernement, comprendre de notre dégoûtant président aux autorités qui occupent des postes ci-dessous. Ma colère était telle que, parfois, j'ai choisi de ne pas regarder les nouvelles, parce que les nouvelles étaient absurdes. La corruption? Utilisation abusive de l'argent DE LA SANTÉ? Le ministre de la Justice se retire de ses fonctions? TOUT CELA AU MILIEU DE LA PANDEMIE! C'est trop pour moi. Actuellement, les mesures se relâchent, je comprends le désespoir. Il est clair que nos dirigeants reflètent ce qui se passe en Europe sans conditions, notre pays n'est pas en Europe, ici les cas n'ont pas encore été maîtrisés, contrairement à là-bas. Je crois que ce n'était pas encore le moment. J'en conclus que notre gouvernement ne répond pas aux demandes du peuple, mais des grands entrepreneurs et de toutes les figures du pouvoir. Après tout, ce qui compte, c'est l'économie, pas la santé des gens, pas les familles endeuillées ou les vies perdues. Car cette honte est inscrite dans l'histoire de ce pays. Je souhaite que tout cela ne revienne pas à la normale. Parce que la norme consiste à maintenir ces personnes au pouvoir, la normale est la saleté au parlement, le gaspillage à la présidence et au curral électoral.

Je souhaite qu'après la pandémie, les gens se révoltent et les sortent du pouvoir ... Une utopie. Bien que nous n'habitons pas le paradis, nous devons faire ce que nous pouvons et alléger cette condamnation injuste des personnes qui ont toujours combattu pour la terre, pour la justice, pour le respect de leur peuple et de leur culture pour leur donner des espaces qui leur permettent d'élargir leur voix, je crois que ce projet Fala, Parente! à condition que. Il est enregistré, tout le monde peut le lire, de n'importe quel pays. Je tiens à remercier la professeur Eliassandra Barros, mentor de ce projet, responsable de l'idée de partager nos outils au profit des autres, toujours très flexible dans la bonne mesure, et de nous aider. Je termine cette explosion en souhaitant de la force à toute la population indigène de mon état et de mon pays, je ne sais pas quelle est votre douleur, mais je n'oublierai jamais cette situation révoltante.

Oiapoque, Amapá, Brésil
11 Août 2020

Traduit par Johnson Morancy

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

My name is Ydoreh Gomes Borges, I am 23 years old and I am an UNIFAP student on Portuguese and English Language/Literature course. For more than 90 days I have been participating in the publishing of reports from the indigenous peoples, by translating them into English. Hereby, I share with you how I have lived the pandemic. At the beginning of 2020 I was fired from the school where I worked as an English language teacher, it's something that for some may be seen as a disadvantage, however, when I found myself unemployed, I realized that I could take advantage from this situation, turn the loss into convenience, since, I had never stopped studying and working at the same time. So, I made the decision to fulfill my day's schedule with my course's classes and not work during the first semester of the year, because by then, with my unemployment insurance, I wouldn't be in need of working... Huge mistake. I didn't expect the pandemic to throw me such a wrench. All of us had to stop our routines. I missed this opportunity to fasten my course. But for the financial side, well, there was no way of not receiving my rights.

I'm at my boyfriend's house, I decided to quarantine here, because alone in my apartment wouldn't be any pleasant, since I am used to being surrounded by people. My in-laws welcomed me as a daughter and I am very grateful for that, they help me immeasurably. I fully understand that I am having a lot of privileges in relation to other people who are suffering psychologically. Since the beginning of this quarantine I went out once a month to get my insurance and pay my rent, nothing more. That's why I haven't seen my family in months, and it hurts a lot. We are not perfect, but we are always taking care of ourselves and this has become more difficult by far. There were problems in my family, arguments and etc ... and at no time was I able to support these people. I didn't do it because of the risk that I would be bringing to my boyfriend's family, because here, in this house, there are people from the risk group, they are also a family for me, I would never forgive myself if something happened to them because of me. But anyways, things were resolved, and I managed to concentrate on my work and the translations of the reports. The reports brought me back to reality. I saw how much these people are suffering, losing family members, many families destroyed by this virus. I started to disregard the problems that revolved around me and started to concern about the other people. I felt outraged and revolted by so much atrocity disguised as irresponsibility on the part of our authorities. During the translations, reflections came to my mind, I wondered how everything I read was not wide open in the newspapers yet... I cried with reports from women, from elderly, from parents and indigenous children who are being ignored by our authorities. The reports kept coming, the denunciations were endless, I translated texts every other day, each containing a message from a person to his people and worldwide.

This way I learned how united the indigenous peoples are, much more than I had ever realized. I was amazed at their knowledge of teas, baths and remedies made from leaves, roots, barks and resins. Even though pharmacy drugs were not available in indigenous health homes, they managed to prevent this sickness, strengthen and cure themselves from this disease. They made medicines for their sickness and others, went to the city when necessary, took care of themselves according to preventive measures. Something that here in the capital the non-indigenous people ignored in masse. It's utterly unfortunate that some indigenous communities have lost elders who are holders of so much medicinal, cultural, religious knowledge and so forth, I know they are the living libraries of their people, all knowledge that goes with the loss of these lives is boundless. I learned and still learn from their narratives about faith, about true life in community, about a pain that echoes to the others around, about the joy of one's recovery becoming the joy of many. I can say that this is not common, it is a rarity such a place where people really take care of each other, people who wish pure good and stand so strong to help themselves.

This project helped me to mature my mind about many things. Meeting these people and listening to their experiences in this pandemic, whether they were good or bad experiences, changed me. When I learned that our "excellent" governor was showing off on media with health material that he would send to the villages, I didn't believe it. The amount of it wasn't enough, the tests would not arrive in all villages. Some people and organizations have done much more for indigenous peoples than the government itself. And when I say government, I mean from our disgusting president to the authorities who occupy our position below. My anger was so bad that, at times, I chose not to watch the news, because the all the news were absurd. Corruption? Misuse of funds FROM HEALTH? Our Health's Minister withdrawing from office? ALL THIS RIGHT IN THE MIDDLE OF A PANDEMIC! It's too much for me to bear. Currently, the measures are being eased, I understand this as despair. It's clear that our leaders are mirroring what happens in Europe but with zero conditions to do so, our country is not located in Europe, because unlike there, here the cases aren't controlled yet. I believe it wasn't the right time. I conclude with this that our government does not meet the demands from the people, instead, it pleases the great entrepreneurs and all-powerful people. Economy is what matters after all, not the people's health, not bereaved families or lost lives. Let that shame be registered in the History of our country forever.

I'd never wish that all of this return to normal. Because "normal" includes keeping these people in power, "normal" means practice in parliament, waste in the presidency and the illegal manipulation of voters (a faith practice in Brazil as "curral eleitoral"). My true wish is that after the pandemic people revolt and take these corrupt politicians out of power ... Such a utopia. While we don't inhabit paradise, we must do what we can, and ease this unjust condemnation of people who have always fought for the environment, for justice, for respect for their peoples and culture. I believe this project "Fala, Parente!", is providing this space that allows them to expand their voices. It's all documented, anyone can read their histories, from any country. I want to thank my teacher Eliassandra Barros, mentor of this project, responsible for the idea of sharing our tools for the benefit of others, she's been always flexible in the right measure, and helping us. I finish this outburst by wishing strength to the entire indigenous population of my state and my country, I do not know what your pain feels like, but I will never forget this revolting situation.

Macapá, Amapá, Brazil.
August 13, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Mi nombre es Ydoreh Gomes Borges, tengo 23 años y soy estudiante de la Universidad Federal de Amapá, en el curso de graduación de Letras Portuguesa e Inglés. Hace más de 90 días participo de la publicación de los relatos de los indígenas, realizando la traducción para el inglés, en esta oportunidad voy a compartir como he vivido durante la pandemia. A principios del año 2020 fui despedida en la escuela donde trabajaba como profesora de inglés, algo que para algunos puede ser visto como una ventaja, pero cuando me encontré desempleada, me di cuenta de que podía aprovechar, convirtiendo la desventaja en una ventaja, después de todo, nunca había dejado de estudiar y trabajar al mismo tiempo. Tomé la decisión de avanzar temas en mi curso y no trabajar en la primera mitad del año, ya que, con mi seguro de desempleo, no pasaría las necesidades... Grave error, no esperaba que la pandemia me diera una baja tan grande. Todos nos quedamos quietos y perdí esta oportunidad de avanzar en mi curso. En el lado financiero, no pude recibir las partes de mi derecho. Estoy en casa de mi enamorado, decidí pasar la cuarentena aquí, porque sola en mi apartamento no sería agradable, ya que estoy acostumbrada a estar rodeada de gente. Mis suegros me recibirían como hija y estoy muy agradecida por eso, me ayudan de una manera incommensurable. Entiendo completamente que estoy teniendo muchos privilegios en relación con otras personas que no pudieron ver a sus parejas durante la pandemia, el anhelo es un factor que nos sacude psicológicamente. Desde el comienzo de esta cuarentena salí una vez al mes para recibir mi seguro y pagar mi alquiler, nada más. Así que no he visto a mi familia en meses, y duele mi pecho. No somos perfectos, pero siempre nos cuidamos a nosotros mismos y, de lejos se ha vuelto más difícil. Había problemas en mi núcleo familiar, peleas y etc... y en ningún momento pude apoyar. No lo hice por el riesgo que traería a la familia de mi novio, porque aquí, en esta casa, hay gente en el grupo de riesgo, también son una familia para mí, no me perdonaría si algo les ocurriera por mi culpa. Pero, de todos modos, las cosas salieron bien, y pude concentrarme en mi trabajo y las traducciones de los relatos.

Con los relatos volví a la realidad, y cuántos sufridos estas personas, perdiendo familiares, muchas familias destruidas por este virus. Empecé a ignorar los problemas que giraban a mi alrededor y comencé a ver a los demás. Me enojé y me rebelé con tanta atrocidad disfrazada de irresponsabilidad por parte de nuestras autoridades. Durante las traducciones llegaron las reflexiones, me pregunté porque todo lo que leía no esta abriendo brecha en los periódicos todavía ... Lloré con relatos de mujeres, ancianos, padres e hijos indígenas que son ignorados por nuestras autoridades. Los relatos seguían llegando, las quejas eran interminables, recogí textos día tras día, cada uno conteniendo un mensaje de una persona para su pueblo y fuera de él. Así aprendí lo unidos que están los pueblos indígenas, mucho más de lo que me imaginaba. Me sorprendió el conocimiento que tienen sobre téis, baños y remedios hechos de hojas, raíces, cortezas y resinas. A pesar de que no tenían medicamentos disponibles en los hogares de salud indígenas, fueron capaces de prevenir, fortalecer y curarse de esta enfermedad. Hicieron medicamentos para ellos y para los demás, fueron a la ciudad cuando era indispensable, se cuidaron a sí mismos de acuerdo con las medidas de prevención. Lo que aquí en la capital los no-indios ignoraron en masa. Es lamentable que algunas comunidades indígenas hayan perdido ancianos que poseen tanto conocimiento medicinal, cultural, religioso y etc., sé que son las bibliotecas vivas de sus pueblos, todo el conocimiento que conlleva la pérdida de estas vidas es incommensurable. He aprendido y aún aprendo de las narrativas sobre la fe, sobre vivir en comunidad, sobre el dolor de uno que se refleja en el otro, sobre la recuperación de una persona para hacer la alegría de muchos. Puedo decir que esto no es común, es muy raro encontrar un lugar donde la gente realmente se ayuda mutuamente, se desean el bien y son tan fuertes para ayudarse a sí mismos.

Participar en este proyecto me ayudó a madurar mis pensamientos sobre muchas cosas. Conocer a estas personas y escuchar sus experiencias en esta pandemia, ya sean buenas o malas experiencias, me cambió. Cuando vi que nuestro "excelente" gobernador hacía publicaciones sobre el material de salud que enviaría a las aldeas no confíe. La cantidad era insuficiente, las pruebas no llegarían a todas las aldeas. Algunas personas y organizaciones han hecho mucho más por los pueblos indígenas que el propio gobierno. Y cuando digo gobierno, entiendo desde nuestro presidente a las autoridades que ocupan cargos abajo. Mi ira era tal que a veces elegí no ver las noticias, porque las noticias eran absurdas. ¿Corrupción? ¿Desfalco de dinero de SALUD? ¿Ministro de Justicia renunciando? ¡TODO ESTO EN MEDIO DE UNA PANDEMIA! Es demasiado para mí. Actualmente las medidas están entrando en relajación, entiendo como desespero. Está claro que nuestros gobernantes están reflejando lo que sucede en Europa sin tener condiciones, nuestro país no aún en Europa, aquí los casos no han sido controlados todavía, a diferencia de eso. Creo que esto no era el momento. Concluyo con esto que nuestro gobierno no satisface las demandas del pueblo, sino más bien de los grandes empresarios y todas las figuras del poder. Después de todo, lo que importa es la economía, no la salud de las personas, no las familias afligidas o las vidas perdidas. Por lo que esta vergüenza se registre en la historia de este país. Ojalá todo esto no volviera a la normalidad. Debido a que lo normal comprende mantener a estas personas en el poder, y suavizar esta condena injusta de las personas que siempre han luchado por la tierra, por la justicia, por el respeto de su pueblo y cultura; para darles espacios que les permitan ampliar sus voces, creo que este proyecto ¡habla, parente! proporciona eso. Está registrado, cualquiera puede leer, de cualquier país. Quiero dejar mi agradecimiento a la profesora Eliassandra Barros, mentora de este proyecto, responsable de la idea de compartir nuestras herramientas por el bien de los demás, siempre muy flexible en la medida correcta, y siempre ayudando. Terminó este desahogo deseando fuerza a toda la población indígena de mi estado y de mi país, no sé cuál es su dolor, pero nunca olvidaré esta situación repugnante.

Macapá, Amapá, Brasil.
11 de agosto de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#OPETNãopara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

